

UMA OUTRA MOBILIDADE: MOVIMENTOS, FLUXOS E METAMORFOSES NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

Camilo Vladimir de Lima Amaral¹

Roberto Luis de Melo Monte-Mór²

I. De centralidades, diferenças e distâncias

O papel do sinecismo e o fim das distâncias

A história das cidades, que é a história das civilizações, apenas reafirma o que se sabe – o sentido social intrínseco da vida humana. A força humana se potencializa com a vida coletiva, com a comunidade, com trocas de informações, de trabalho, de bens; e a força da cidade, em última instância, está tomada aqui como metonímia do espaço social. No limite, expande-se o sentido do *oikos*, a casa, abarcando o espaço da vida familiar, comunitária, até a cidade mesma, e daí à sociedade e seu espaço. As qualidades e virtudes aprendidas em uma vida em comum, solidária, as colaborações e competições necessárias e implícitas enfatizam o sentido da sinergia, da inovação, da combinação de modos de fazer e do aprendizado mútuo.

Edward Soja, geógrafo norte-americano, resgatou uma palavra grega *synoikismos*, para lhe dar o sentido último do “estímulo da aglomeração urbana”. Soja identifica o *sinecismo* na formação da sociedade humana, por definição, urbana desde

¹Arquiteto e urbanista; professor da UFG. E-mail: <camilovla@gmail.com>.

²Arquiteto e urbanista; professor da UFMG (Cedeplar e NPGAU) e Pesquisador do CNPq. E-mail: <monte-mor@cedeplar.ufmg.br>.

sua primeira constituição efetiva como sociedade. Resgata urbanistas, arqueólogos e etno-historiadores para rever cidades antigas e reafirmá-las como o espaço da inovação, e assim, da riqueza e prosperidade humanas.

O *sineskismo* contemporâneo é virtualmente globalizado, dado que todo lugar pode, em potencial, interagir com qualquer outro no mundo, nas condições tecnológicas permitidas hoje pelas comunicações articuladas aos satélites. As distâncias encurtaram, diluíram-se na compressão do tempo e do espaço integrados globalmente, ainda que persistam os lugares, concretudes, densidades, e encontros físicos, ditos reais. O impacto dessa possível articulação das distâncias, sincronizando tempo e espaço e superpondo tempos nos lugares-mundo e impregnando-os de tecnologias e relações sociais exóticas, está ainda por ser melhor e mais amplamente compreendido. É neste sentido que queremos discutir a cidade contemporânea (e o espaço) em seus pressupostos para embasar e provocar uma outra visão sobre mobilidade.

O fim da centralidade e a emergência do outro

Um traço marcante do pensamento contemporâneo é a ruptura com verdades absolutas. A relatividade, a reflexividade e o niilismo provocados pela crise da razão, em curso desde o início do século passado, geraram uma dinamização das trocas entre saberes diferentes, além de exaltar a multiplicidade de recortes possíveis para a realidade. Ou seja, trata-se não apenas do fim das teorias da centralidade (absolutistas, que olham para a cidade de modo restritivo e instrumental), mas também o fim da própria centralidade (pela reorganização do espaço em redes de transporte integrado e malhas de telecomunicação).

Esta condição contemporânea gerou uma ruptura com as centralidades tradicionais e mesmo centros simbólicos foram se diluindo, enquanto centenas de outras estruturas simbólicas foram se multiplicando e se sobrepondo. Neste sentido, a importância do “centro”, seja ele qual for, perde espaço para redes que articulam e ressemantizam centralidades diversas. As cidades, assim como países e todo o espaço social, deixam de se organizar em “hexágonos perfeitos”. O mundo

atual, com sua multiplicidade de visões e amplificação da diversidade de vozes ativas, provocou uma complexificação contínua do objeto arquitetônico e urbano.

Segundo Jacques Rancière, a realidade do mundo pode ser partilhada de diversas maneiras, sendo que cada grupo humano compartilha uma maneira de ver os objetos no mundo. Isto nos permite compreender a realidade como um continuum cujos limites são formulados de diferentes maneiras, de acordo com a visão cultural, política e científica do observador. Nestes termos, existe uma política na estética (modo de ver e recortar o mundo) e por isso, ao tratar dos limites, lidamos com conflitos de interesses, como também alternativas para a vida em sociedade.

É nesse sentido que está em curso nas cidades contemporâneas uma transformação radical da experiência das distâncias, das centralidades e do movimento entre o próximo e o distante. Compreender a cidade, propor políticas de mobilidade urbana e de planejamento daquilo que se chama de fluxos de uma cidade, não é apenas propor ligações entre um ponto e outro no espaço. É preciso repensar o próprio sentido do espaço. É preciso compreender o espaço como um conjunto de forças sociais, e assim, como um conjunto de símbolos, um conjunto de concepções, um conjunto móvel de valores sobre os quais, ao nos conectarmos ou aproximarmos, estamos interferindo em um conjunto de relações sociais e culturais.

2. Metamorfoses da mobilidade na cidade

Compreendemos que existem três movimentos fundamentais na transformação da mobilidade nas cidades contemporâneas.

Movimento 1: cada vez mais móvel

Para Solá Morales, na cidade moderna a circulação era concebida como uma função separada do restante das atividades humanas na cidade e, por isso, o resultado das ações sobre a cidade nesse período foi catastrófico, pois beneficiavam apenas a circulação dos veículos, destruindo todos os outros aspectos: a paisagem, os usos, a cultura do lugar, a dimensão comunitária, o prazer de caminhar pela cidade. Para ele, a mobilidade hoje deve ser encarada em toda a sua complexidade, tanto como uma ação de mover-se no espaço como uma ação de transformar este espaço. É preciso romper com a reificação da mobilidade como apenas um

ato de circulação e transformá-la em experiência humana, incorporando aspectos como a experiência estética de mover-se pela cidade.

Estas mudanças fazem com que a mobilidade não possa mais ser tratada como uma série de condutores fixos que suportam de forma estática os elementos móveis da cidade. Vivemos hoje em um mundo onde tudo está em movimento, em constante fluxo e transformação, onde tudo é móvel (de fato, como já havia concebido Heráclito). Assim, em lugar de pensarmos estruturas em forma de “árvore” ou de “malhas”, temos que pensar em múltiplas redes e interconexões que se justapõem e interagem de maneiras não programadas. Cada vez mais, redes de informações se mesclam com cidadãos que circulam pela cidade, seja pelo rádio que informa o melhor caminho, seja pelo celular que capta em tempo real o fluxo pela cidade, seja pelo GPS que constrói nova interface de relação com os objetos geográficos. Malhas de fluxo de informações em interação com malhas de fluxo de coisas.

Esta nova forma da cidade não é mais fixa, incorpora em seu seio a própria mobilidade. Não é mais possível utilizar instrumentos pré-determinados e impor usos fixos e preconcebidos. Há que ultrapassar a instrumentalidade que simplifica a cidade, que reduz sua complexidade com objetivos funcionalistas, coisificando experiência humana cotidiana. Há que ultrapassar a rígida objetividade da engenharia de tráfego e conceber o espaço urbano em sua profundidade social e simbólica. Há que tomar a realidade como redes de fluxos materiais e imateriais onde a diferença e a mutabilidade são as bases de sujeitos em ação: a ação de humanizar-se.

Movimento 2: cada vez menos fixo

Por outro lado, a cidade está se transformando mais aceleradamente, de maneira mais casual, súbita e aleatória. Todas as estruturas que pareciam fixas são rapidamente reestruturadas através de um jogo de azar, sugerindo caos. Áreas ricas entram em decadência, áreas abandonadas adquirem autonomia, novas lógicas internas dão forma e importância regional. Uma transformação na legislação, ou na taxa de juros, pode funcionar como mutação genética, reconstruindo da célula ao organismo. A velocidade destas transformações, cada vez mais, gera formas interativas, flexíveis e abertas a usos imprevistos.

Para Edward Soja, a metrópole contemporânea se estrutura como um caleidoscópio, em que a imagem do todo está sempre em equilíbrio instável; move-se uma peça e toda a imagem se reestrutura, desestabilizando o desenho anterior. A cidade contemporânea se organiza então em nova lógica fractal, em que cada parte possui os elementos estruturantes do todo, e pode assumir papel protagonista a qualquer momento. Isto, porque as estruturas produtivas e as infraestruturas da cidade estão cada vez mais espalhadas e ligadas às tecnologias de informação, podendo, virtualmente, qualquer lugar assumir um papel central. Basta uma mudança no modo de olhar, na valorização de determinado espaço, e proliferam revitalizações e renovações nas nossas cidades. Ademais, cada vez mais as cidades comportam em si partes do mundo todo, na disponibilidade de informações, na importação de tecnologias e estilos, na difusão do consumo globalizado em lojas, bares e restaurantes que trazem sabores internacionais, ambiências alienígenas, pequenos lugares transpostos (como se os lugares também adquirissem uma mobilidade própria), seja por empresas internacionais, seja por famílias que imigram e trazem consigo partes de seu país.

Movimento 3: cada vez mais perto

Para Edward Soja, a cidade não é um objeto distante, despregado de nós, um palco onde as pessoas vivem. Ela é também o meio através do qual as pessoas amplificam suas capacidades, o conjunto de objetos que possibilitam, ou impedem, uma determinada práxis urbana, um meio através do qual organizamos simbolicamente nosso mundo e por isso, uma forma de consciência que interfere diretamente no modo como vemos o mundo. As coisas, objetos, pessoas, carros, instituições, e a natureza, todos atuam sobre nossas mentes e constroem mecanismos com os quais compreendemos nossa existência.

Por outro lado, para Paola Berenstein, a cidade é também campo da experiência humana, lugar do contato de nosso corpo com o mundo, um local formado em nossa percepção através de nossa corporalidade. É através desta experiência, cada vez mais encarnada em nossos corpos, gravada em nossa memória corporal, que nos construímos enquanto sujeitos do mundo. A cidade deixa marcas profundas, recalcadas sob nossas peles, que são absorvidas distraidamente em nossos percursos, apropriadas inconscientemente através de uma memória coletiva construída ao longo de várias gerações. Resta saber se as transformações

em curso provocarão uma alienação entre imagem e corpo, entre realidade e cenários construídos espetacularmente, ou se estamos diante de uma nova forma de fruição do espaço.

4. Rotas e Caminhos: mobilizar a mobilidade

Quando pensamos o projeto urbano contemporâneo e as questões da cidade – hoje, também do campo e das regiões – fica evidente que as tecnologias de informação têm transformado rapidamente a maneira como nos relacionamos uns com os outros, com os lugares, com o tempo e como localizamos nossas atividades cotidianas na cidade (na região, no mundo), onde cada vez mais nosso espaço de trabalho caminha conosco sob nossos braços, em *tablets*, laptops e *smartphones*. As tecnologias chamadas de telemáticas têm transformado a cidade num campo ampliado, e reestruturado o espaço de uma sociedade técnico-científico-informacional³, nascente e seletiva. Essas tecnologias também têm transformado a maneira como as pessoas se relacionam com o espaço geográfico e da cidade, e cada vez mais nos movemos pelo espaço através de mediações, por vezes midiáticas, uma nova mídia *especializada* que toma o corpo da própria realidade por se tornar o espaço no qual efetivamente vivenciamos nossa vida cotidiana.

Por exemplo: ao caminhar na cidade, o cidadão pode se guiar por GPS e por coordenadas, e ainda obter informações diversas sobre os edifícios e lugares que avista (podendo mesmo vê-lo por diversos ângulos pré-representados por outros usuários colaboradores). Ou mesmo, o fruidor pode usar aparelhos como uma espécie de filtro, uma lente que sobrepõe informações sobre a realidade, transformando o mundo numa verdadeira interface interativa e flutuante. Além disso, há a chamada “internet das coisas”, a proliferação de

³ Milton Santos descreveu inúmeras vezes o que chamou de *meio técnico-científico-informacional*. A ele, gratidão.

equipamentos (cada vez mais objetos comuns) que se comunicam *wi-fi* (interconectados em rede via *wireless*), trocando informações, tomando decisões programáticas e interagindo de formas diversas através de pre-configurações estabelecidas por seus usuários, tendendo a fazer do mundo artificial um objeto reativo às intencionalidades individuais e múltiplas. Se podíamos afirmar que a história da cidade era como um palimpsesto de tempos em camadas sobrepostas, calcificadas em extratos passíveis de serem descobertos, a tendência que ora vemos é o espaço urbano se transformar em diversas camadas contemporâneas cada vez mais sobrepostas e reagentes entre si, por vezes opcionalmente obscurecidas, muitas entranhadas, sempre reversíveis, em muitos casos alternantes, em outros extrudidas e, quase sempre, conflituosas, em vários modos.

Tudo isso se apresenta, mas não sem a ansiedade depressiva dos dias contemporâneos. Cada vez mais se dilui a diferença entre consumidor e cidadão, e a experiência da cidadania fica reificada a um conjunto de relações programadas, controladas, manipuladas por empresas no mercado global (quem não viu a rede de intrigas por trás das *redes sociais*, recentemente nos cinemas?). Ao mesmo passo que a colaboração e a liberdade das redes informacionais amplificam os laços de solidariedade entre pessoas outrora distantes, hoje o sujeito se torna condicionado por, e limitado pelo, acesso a uma série de novos bens de consumo cada vez mais rapidamente tornados obsoletos. Aí se impõe o *stress* contemporâneo, um novo mal-estar da (pós)modernidade (e “da civilização”, da sociedade urbana, da *civis*) que se manifesta e se agudiza no espaço organizado pela buro(info)cracia (e pelos vários capitais), que se impõe como hegemônica e funcional. Treinados, ameaçados, vigiados, cobrados, os sujeitos – individuais e coletivos – buscam, e também contestam, sua integração nesse espaço.

Os limites claros entre o concreto e o imaginado se encontram cada vez mais diluídos. Acostumados a uma sociedade de informações, relacionamo-nos com as coisas mais pelo que sabemos delas do que pela familiaridade que temos com elas. No cotidiano da grande cidade, assim como também em outros espaços urbanizados, no campo e no mundo – vivemos, trabalhamos, estudamos, e nos relacionamos cada

vez mais através das “janelas informacionais”, de tal forma que se torna impossível estabelecer uma hierarquia e clara distinção entre falso e verdadeiro, entre real e programado, entre presente e virtual. Vivemos, concretamente, parte de nossas vidas nessas estruturas imaginárias que dão suporte tecnológico a experiências concretas e significantes.

Assim, para além de convencionarmos entre mundo real e mundo imaginário, devemos considerá-los como dois mundos diferencialmente reais. Porém, estes dois mundos estão cada vez mais imbricados. Se, a princípio, este segundo mundo surgiu buscando simular os elementos constitutivos do primeiro, hoje vivenciamos um momento em que a experiência do mundo através das ferramentas informacionais se dá de maneira intensificada e muito mais completa, carregada do saber, dos elementos cognitivos e sensoriais escolhidos a um ou dois toques na tela. O mundo virtual é, em muitos aspectos, uma experiência mais completa que a experiência concreta, e nesse sentido, é parte efetiva do mundo concreto, que não pode mais ser experimentado sem o conteúdo técnico-científico-informacional contido nos objetos e no próprio espaço (como já nos dizia Milton Santos três décadas atrás⁴). Por outro lado, vivemos um momento em que não apenas o espaço real é re-apresentado numa plataforma virtual, mas também é amplificado por esta plataforma. Isto é

4 Milton Santos observava que os cidadãos, em uma cidade antiga, se relacionavam com o lugar a partir de um tempo longo, através de conhecimentos apreendidos pela tradição, diretamente vinculados com o lugar e com a memória coletiva. Mas, à medida que a sociedade vai se modernizando, as pessoas passam a se relacionar com o espaço cada vez mais através da razão, partindo das informações que podem colher daquele local: o turista sempre anda pela cidade com um folheto, ou um guia turístico sobre os braços, de tal forma que pode, a partir de uma informação lida, olhar para as coisas urbanas de uma maneira que o toque, ou seja, que o aproxime do seu valor. Assim, Milton Santos não tinha saudosismos, achava que a maneira de se relacionar com o espaço urbano estava em transformação, e deveríamos pensar maneiras de tornar esta relação mais rica, mais humana e mais justa. Se trouxermos esta discussão para o mundo contemporâneo, iremos perceber que a cidade amplificada pelas tecnologias da informação produz um novo tipo de espaço, que é percebido de forma cada vez mais ampliada pelo homem comum.

possível pelo que poderíamos chamar de uma espacialização da informação, e uma informatização do espaço. Através de aparelhos simples como celulares, é possível ampliar a percepção de objetos, direcionando e clicando sobre a tela de aparelhos cujos aplicativos funcionam, não mais como filtros, mas como decifradores da realidade.

Postas estas questões, fica claro que é fundamental desenvolver pesquisas que abordem estas novas transformações da cidade, assim como estudem a transformação do processo de projeto urbano que elas provocam. É preciso explorar novas alternativas que estas tecnologias trazem para a produção do espaço urbano, e que permitem a ampliação da participação e mesmo a inevitabilidade da colaboração da população na construção desta nova paisagem urbana. Estamos diante da metamorfose de um novo espaço público, ampliado, amplificado, dinamizado e que falta, a nós, mobilizar.

Referências

RANCIÈRE, J. *A Partilha do Sensível – política e estética*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFGM, 1999.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Territorios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

BERENSTEIN, Paola. *Corpos e Cenários Urbanos*. Salvador: EDUFBA, 2006.

SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço. Técnica e Tempo – Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOJA, E. *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions*. Oxford: Basil Blackwell, 2000.

